

A SEMANA – 235*

29 de novembro de 1896

GUITARRA FIM DE SÉCULO¹

Gastibelza, l’homme à la carabine,
Chantait ainsi.

V. HUGO²

Abdul Hamid, padixá da Turquia,³
Servo de Alá, →

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 334, p. 1, 29 nov. 1896), SEMMA (p. 383-388) e SEM1953 (v. 3, p. 340-346). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ John Gledson (2013, p. 278-279), na sua edição das *Crônicas escolhidas* de Machado de Assis, apõe à edição deste poema um texto introdutório do qual aproveitamos uma série de informações nas notas explicativas do texto. Trata-se de uma paródia do poema “Guitare”, de *Les Rayons et les ombres* (1840), de Victor Hugo. (Outra paródia, escrita em francês, havia sido publicada por Machado em crônica de “Ao Acaso”, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 2 de maio de 1865 – ver Anexo I ao final desta crônica) A epígrafe é constituída pelos dois versos iniciais do poema de Hugo, “cantado” por um velho pedinte espanhol, Gastibelzá. Esse personagem perdeu a sua amada, Doña Sabine, que fugiu com o conde de Saldanha, e vai enlouquecendo. O poema de Victor Hugo tem onze estrofes; o de Machado de Assis, vinte. Ambos são compostos em oitavas, em que os versos ímpares têm dez sílabas e os pares, quatro. O esquema de rimas dos dois poemas é o mesmo: AbAbCdCd. As rimas CdCd repetem-se ao longo de todo o poema; os versos de quatro sílabas são todos agudos. Os decassílabos empregados neste poema têm todos acentos na 4ª, 7ª e 10ª sílabas – é o chamado “decassílabo de gaita galega”. (AZEVEDO FILHO, 1971, p. 31) É caso único na poesia machadiana – só neste poema ele emprega este verso – não recomendado por Antônio Feliciano de Castilho (1851, p. 39), que escreveu sobre ele: “Tal composição [com acentos na 4ª, 7ª e 10ª sílabas] é frequentíssima nos versos franceses desta medida, o que torna para nós sumamente prosaica a lição dos seus poemas decassílabos.” Nisso, discordamos do poeta português; este verso nos lembra nitidamente os de arte maior (11 sílabas), utilizados magistralmente por Gonçalves Dias.

² O nome do escritor francês está parcialmente ilegível no periódico digitalizado.

³ Abdul Hamid II (1842-1918) foi o último sultão (“padixá”) do Império Otomano. Ao longo do século XIX, o império declinava – estava ameaçado por rebeliões de súditos cristãos na região dos Bálcãs. O império era conhecido como “o homem doente da Europa”, por isso o cronista diz: “verei morrer este eterno doente?” As grandes potências manobravam para aproveitar-se desse processo de desintegração. A origem da expressão – “o homem doente da Europa” – é atribuída a Nicolau I (1796-1855) da Rússia, que a teria utilizado para definir o Império Otomano em declínio no século XIX. Daí em diante, a expressão passou a ser aplicada a outros países europeus em crise político-econômica. Ver nota 10 em “A Semana – 225”, crônica de 29 de setembro de 1896, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

Ao lembrar como outrora gemia
Gastibelzá,
Soltou a voz solitária e plangente
Cantando assim: –
“Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Ó meu harém! ó sagradas mesquitas!
Meu céu azul!
Terra de tantas mulheres bonitas,
Minha Istambul!
Ó Dardanelos! ó Bósforo! ó gente
Síria, alepim!⁴ –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Ouço de um lado bradar o Evangelho,
De outro o Corão,
Ambos à força daquele ódio velho,
Velha paixão,
E sinto em risco o meu trono luzente,
Todo cetim. –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Gladstone, certo,⁵ feroz paladino,
Cristão e inglês,
Em um discurso⁶ chamou-me assassino,⁷
Há mais de um mês;
Ninguém puniu esse dito insolente
De tal mastim. –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

⁴ “alepim”: o mesmo que “alepino”. “Alepin” não vem no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*.

⁵ certo,] certo – em SEMMA e em SEM1953.

⁶ um discurso] discurso – em SEM1953. A ausência do artigo indefinido (“um”) altera o ritmo e a medida do verso.

⁷ O motivo imediato do discurso de William Gladstone (1809-1898) – político e estadista britânico, na época, com 87 anos –, proferido em setembro de 1896, foram as mortes brutais de milhares de armênios cristãos, em 1895, conhecidas como massacres hamidianos. Gladstone, cristão fervoroso, era velho inimigo dos otomanos. John Gledson (2013, p. 279) comentou: “É bem provável que a inspiração inicial para este poema-crônica fosse esse discurso recente; o que significaria que Machado levou um mês para a composição.” Mais adiante, nesta crônica, Machado de Assis se refere ao fato de Gladstone tentar dar certa independência à Irlanda, mas se o sultão fosse à Câmara dos Comuns seria tratado como “chinês”. Na oitava estrofe, Abdul Hamid se lembra da guerra da Crimeia, quando Grã-Bretanha e França se aliaram com otomanos contra a Rússia. Agora, porém, o império está em crise e só lhe resta esperar que as grandes potências europeias se destruam mutuamente antes de se apropriarem de seus territórios.

“Chamou-me ainda não sei se maluco,
Ele que já
Vai pela idade de mole e caduco,
Velho paxá,
Ele que quis rebelar toda a gente
Da verde Erin.⁸ –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Ah! se eu, em vez de gostar da sultana
E outras hanuns,⁹
Trocar quisesse esta Porta Otomana¹⁰
Pelos Comuns,¹¹
Dar-me-iam, dizem, o trato excelente
Que dão ao chim. –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Querem que faça reformas no império,
Voto, eleição,
Que inda mais alto que o nosso mistério¹²
Ponha o cristão,
Que dê à cruz o papel do crescente,
Como em Dublin. –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Que tempo aquele em que bons aliados
Bretão, francês,
Defender vinham dos golpes danados
O nosso fez!¹³ →

⁸ Erin.] Erim. – em SEMMA e em SEM1953. A forma “Erin” consta como topônimo no *Vocabulário onomástico da língua portuguesa*; significa “Irlanda”.

⁹ E outras hanuns,] E outros hanuns, – em GN. Corrigido na errata publicada no dia seguinte – vê-la ao final desta crônica. Hanuns são mulheres bonitas (em ladino, idioma sefardita – judeu espanhol). (DINIZ, 2020, p. 39)

¹⁰ Porta Otomana: referência à “Sublime Porta” – expressão usada para designar o governo turco, por causa da porta monumental do palácio em que funcionavam os órgãos administrativos. Ver “A Semana – 225”, crônica de 20 de setembro de 1896, nota 16, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

¹¹ A câmara dos comuns do Reino Unido era composta por deputados eleitos por meio de sistema distrital.

¹² Que inda mais alto que o nosso mistério] Que inda mais que o nosso mistério – em GN. Corrigido na errata publicada no dia seguinte. Na errata há um ponto-final no verso, que não convém à frase.

¹³ fez!] fez! – em SEM1953. Em nota ao poema, John Gledson (2013, p. 279) observa: “Na oitava estrofe, Abdul Hamid se lembra da guerra da Crimeia [...], quando a Grã-Bretanha e a França se aliaram com os otomanos contra a Rússia.” O vocábulo “fez”, como substantivo comum, designa o barrete usado pelos turcos, fabricado em Fez (cidade do Marrocos).

Então a velha questão do Oriente
Tinha outro fim. –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Então a gente da ruiva Moscóvia,
Imperiais
Da Bessarábia, Sibéria, Varsóvia,
Odessa e o mais,
Não conseguiam meter o seu dente
No meu capim. –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Hoje meditam levar-me aos pedaços
Tudo o que sou,
Cabeça, pernas, costelas e braços,
Paris, Moscou,
A rica Londres, Viena a potente,
Roma e Berlim. –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Oh! desculpai-me se nesta lamúria,
Se neste andar,
Preciso às vezes entrar na Ligúria
Para rimar,
Para rimar um mandão do Ocidente
Com mandarim. –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Constantinopla rimar com manopla
Bem, sim, senhor;
Porém que a dura exigência da copla
Torne uma flor
Igual à erva mofina e cadente
De um mau jardim... –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Pois eu rimei *Maomet* com *verdade*,¹⁴
Mas hoje¹⁵ ao ver →

¹⁴ Verso estranho e curioso ao mesmo tempo; em francês “Maomet” rima com “vérité”.

¹⁵ hoje] hoje, – em SEM1953.

Que nem me fica esta velha cidade¹⁶
Sinto perder
A fé que tinha de príncipe e crente
Até o fim. –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Donzelas frescas, matronas gorduchas,
Com *feredjehs*,¹⁷
Moças calçadas de lindas babuchas
Nos finos pés,
Mastigam doces com gesto indolente
No meu festim. –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Onde irão elas comer os confeitos
Que ora aqui têm?
Quem lhes dará desses sonos perfeitos
Do meu harém?
Onde acharão o sabor excelente
De um alfenim? –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“E eu, onde irei, se me deitam abaixo?
Onde irei eu,
Servo de Alá, sem bastão nem penacho?
Tal o judeu
Errante,¹⁸ irei, sem parar, tristemente,
Do Ohio¹⁹ a Pequim. –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Ver-me-ão à noite, com lua ou sem lua,
Seguir atrás
Da costureira que passa na rua,
Honestas, em paz,
Pedir-lhe um beijo de amor por um pente
De ouro ou marfim. –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

¹⁶ cidade] cidade, – em SEM1953.

¹⁷ *feredjeh*: peça do vestuário feminino, espécie de capa.

¹⁸ Sobre o “judeu errante”, ver “A Semana – 229”, de 18 de outubro de 1896, nota 7, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

¹⁹ Do Ohio] De Ohio – em SEMMA e em SEM1953. Entendemos que a referência é o rio Ohio.

“Comerei só, sem eunucos escuros²⁰
Em *restaurant*.
Talvez bebendo dos vinhos impuros
Que veda Islã;
Esposo de uma senhora somente
Assim-assim.²¹ –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Penso que sim. Virão logo rasgá-lo,
Como urubus
Sobre o cadáver de um pobre cavalo,
Nações de truz.
Farão de cada pedaço jacente
Uma Tonquim. –
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

“Penso que sim; mas, pensando mais fundo,²²
Bem pode ser
Que ele inda fique algum tempo no mundo;
Tudo é fazer
Com que elas²³ briguem na festa esplendente
Antes do fim. –
Verei viver este eterno doente?
Talvez que sim.²⁴



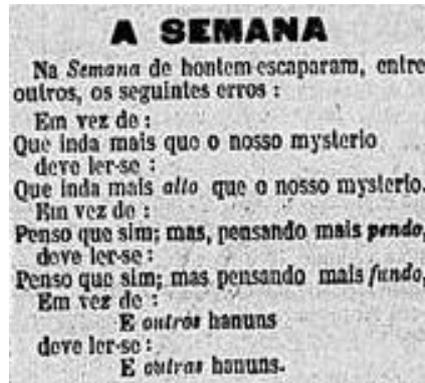
²⁰ escuros] escuros, – em SEMMA e em SEM1953.

²¹ O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* registra a forma “assim-assim”; o Aulete digital registra o advérbio “assim, assim”.

²² Penso que sim; mas pensando mais fundo,] Penso que sim; mas, pensando mais pendo, – em GN. Corrigido na errata publicada no dia seguinte.

²³ elas: as nações estrangeiras.

²⁴ sim.] sim.” – em SEM1953. Na *Gazeta*, as aspas de fechamento da fala de Abdul Hamid não se fecham – contrariando o costume da época (e do próprio Machado de Assis). A ausência das aspas poderia indicar que (embora o poema termine) a História continua...



Errata de “Guitarra fim de século”

FONTE: *Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 335, p. 1, 30 nov. 1896.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 334, p. 1, 29 nov. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15335>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 335, p. 1, 1º dez. 1895. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13149>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Organização, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *A técnica do verso em português*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Tratado de metrficação portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851.

DINIZ, Francisca Senhorinha da Motta. *A judia Raquel*: romance original de costumes. Apresentação Anna Faedrich; notas Maria Helena de Almeida Freitas, Mariana Sanmartin de Mello, Mônica Almeida Rizzo Soares. Brasília: Senado Federal, 2020.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUGO, Victor. *Les voix intérieures. Les rayons et les ombres*. Paris: Hachette, 1858.

MACHADO, Ubiratan. Apresentação. In: *Antologia da Revista da Academia Brasileira de Letras*. Organização e apresentação por Ubiratan Machado. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010. p. 3-17.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021.

SOUSA, José Galante de. 272. – AO ACASO (Revista da Semana). In: *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Leitura, 1955. p. 405-406.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

ANEXO I

FOLHETIM

AO ACASO

(REVISTA DA SEMANA)
Rio, 2 de Maio de 1865²⁵

Que dirá o imperador?

É amanhã que Sua Majestade deve dizer em resumo ao corpo legislativo o que se tem feito, e anunciar o que se pretende fazer na governança do país.

Todos sabem que o discurso da coroa, na qualidade de peça ministerial, figura ser a expressão da política do governo, e é o ponto de partida dos debates parlamentares.

Temos que não será grande ousadia redigir de antemão o discurso da coroa. Podem fazê-lo os leitores, como nós já o fizemos. O governo, aproveitando a circunstância de não ser ele quem pronuncia o discurso, conquanto seja o autor, fará com que Sua Majestade lhe teça um solene elogio, e convide o país a prestar todo o apoio à direção das coisas públicas.

Há de ser a variante de um artigo anônimo dos jornais. Sendo assim, não podemos furtar-nos a um sentimento de tristeza, vendo o estranho abuso que se faz da ficção constitucional, em virtude da qual o príncipe vem repetir ao parlamento uma série de falsidades e lugares-comuns, arrançados pelos Srs. secretários de estado.

A coisa não é nova. E o governo nem sempre se limita às inexactidões; vai às vezes até a proposições absurdas e extravagantes. Tivemos um exemplo na ocasião em que a coroa veio repetir ao parlamento o programa de certo ministério, que se definia assim: respeito da lei e economia dos dinheiros públicos.

A primeira vez que apareceu no parlamento tão singular programa, os homens de bom senso ficaram boquiabertos, e perguntaram se realmente o povo devia assistir impassível a semelhante comédia. Todavia houve uma falange (sempre as há) que achou o programa elevado e novo, luminoso e profundo, em vista do quê foi dando os [seus] votos ao ministério.

E ficou estabelecido que o respeito às leis e a economia dos dinheiros públicos, – deveres restritos de todo o governo moralizado – podia ser política especial de um gabinete, – o que dava o seguinte corolário: Que era lícito a outro gabinete seguir uma política inteiramente oposta, e esbanjar os dinheiros públicos e desprezitar as leis e a Constituição.

Já nos parece estar ouvindo o discurso da abertura. Há de ser uma peça cheia de promessas e de frases. É pelos domingos que se tiram os dias santos. O parlamento há de ouvi-lo, discuti-lo e responder-lhe; mas o parlamento, como nós,

²⁵ Há nesta crônica, publicada no *Diário do Rio de Janeiro* (ano XLV, n. 106, p. 1, col. 1-5, 2 maio 1865), uma paródia do poema *Guitare* (1837), de Victor Hugo. Em linhas gerais, o cronista critica o ministério da época. José Galante de Sousa (1955, p. 406) informa que, em réplica a esta crônica, foi publicado no *Correio Mercantil* (ano XXII, n. 122, p. 2, col. 7, 4 maio 1865) um artigo intitulado “A terra te seja leve”, sob o pseudônimo Sêneca. Galante observa que um ano antes, na *Semana Ilustrada* (ano IV, n. 182, col. 1-2, p. 1455, 5 jun. 1865), apareceu um artigo intitulado “Vespas americanas”, sob o pseudônimo Gil, que poderia ter sido escrito por Machado de Assis: “Não dispomos de argumentação cabal para atribuir a Machado de Assis a autoria de tal artigo, embora ele tivesse usado o pseudônimo no *Diário do Rio de Janeiro*, em 1861. Lembramos apenas que se trata da mesma ideia, servindo a idêntico assunto [menciona até mesmo Gastibelzã para criticar o ministério]. Há ainda mais: coisa muito característica na obra de Machado de Assis, a repetição de temas, vamos encontrar referência a tais versos de V. Hugo em *Balas de Estalo* [*Gazeta de Notícias*, ano XI, n. 148, p. 2, col. 7-8, 28 maio 1885]”, assinada pelo pseudônimo Lélío.

está convencido de que o discurso não passará de uma formalidade, uma deferência com os estilos, sem alcance nem valor político.

Se isto não é novo, há muitas outras coisas que o não são igualmente, e todas formam uma série de sintomas desoladores.

Por exemplo, – o sistema que nos rege chegou a tal ponto que todos se julgam capazes de ser ministro.

O governo do país não é considerado nos seus aspectos difíceis e graves; aquilo a que só pode subir o mérito e a consciência dos princípios, parece em geral que pode ser dado ao primeiro organizador de frases oratórias, como um prêmio, como uma sinecura, como uma Cápua.

Tamanho fardo só podem comportar espáduas robustas; mas as coisas chegaram a tal ponto, que os indivíduos chamados ao poder, deixam ficar o fardo no seu lugar, e apenas envergam a farda ornamentada e condecorada.

Disto resulta que as pastas são apenas o incentivo da vaidade pessoal.

E há ainda mil outras coisas que nos abtemos de dizer para não dar ao folhetim aquele torvo aspecto de que prometemos sempre fugir.

Aguardemos o discurso da coroa.

Falamos na última semana de apostas que se faziam sobre se o ministério ficará ou não. Quem ganhará? É difícil afiançar coisa alguma; não se pode mesmo conjecturar nada. Os ministros usam agora de uma arma, que já foi aparada nas colunas superiores do *Diário*,²⁶ e com a qual o folhetim só se ocupa no que ela tem de cômico.

É a arma da guerra.

O deus Marte é quem recebe agora os incensos e os votos do ministério. A linguagem deste é que o deixem viver por amor do bem comum e do perigo nacional.

Conhecem os nossos leitores o *Gastibelza* de Victor Hugo, aquela balada que começa por estes versos:

Gastibelza, l'homme à la carabine,
Chantait ainsi:
Quelqu'un de vous a vu dona Sabine,
Quelqu'un d'ici?²⁷

É uma das coisas mais preciosas da poesia francesa; mas, não sabemos por quê, ao lembrarmo-nos daqueles versos, parece-nos ouvir as lamentações do ministério. A ilusão é sobretudo completa quando se chega ao estribilho:

Le vent qui vient à travers la montagne
Me rendra fou!

Ora, vejamos se se pode traduzir para outras palavras, mesmo francesas, as lamentações de *Gastibelza*:

Monsieur Furtado et ses nobles confrères
Chantaient ainsi:
“– Faut-il tomber la fleur des ministères
Et du pays?
Nous avons eu une croix d'Allemagne
Rubans... et tout.
Le vent qui vient à travers la montagne
Nous rendra fous!

²⁶ Ver as “colunas superiores do *Diário*” no fac-símile reproduzido adiante – Anexo II.

²⁷ Machado provavelmente citou de memória; os versos de Hugo não estão transcritos exatamente como são.

— —
“Pour vous calmer, ô terrible cohorte,
Non sans regret,
Nous avons mis Beaurepaire à la porte
Par un decret.
Et maintenant qui donc nous acompagne?
C’est Camamu.
Le vent qui vient à travers la montagne
Nous rendra fous!

— —
“Quand nous avons une guerre étrangère
Qui va s’ouvrir,
Faut-il, messieurs, changer le ministère?
Faut-il mourir?
Le vieux sénat va nous ouvrir campagne,
Veillez sur vous.
Le vent qui vient à travers la montagne
Nous rendra fous!”

— —
Ainsi chantait le fameux ministère;
Mais le pays,
Que paie, lui seul, tous le frais de la guerre,
Lui répondit:
“– Allez, allez, vous battez la campagne,
Comme un vieux soûl.
Le vent qui vient à travers la montagne
Vous rendra fous!

— —
“Allez-vous-en, messieurs et compagnie;
Il faut tomber;
Je ne veux plus une pâle bougie
Pour m’éclairer.
Quittez la chaise, où le sommeil vous gagne,
Et couchez-vous;
Le vent qui vient à travers la montagne
Vous rendra fous!”

— —
Que a sombra de Boileau nos perdoe a ousadia; a língua e o verso podem não ser puros, mas a nossa intenção de reproduzir a verdade está salva.

E depois disto demos de mão à política para passar a coisas literárias.

Os que procuram resgatar a pureza da língua, trazendo à luz de uma constante publicidade as obras clássicas dos velhos autores, sempre nos tiveram entre os seus aplaudidores mais entusiastas.

É essa uma espécie de reação, cujos resultados não de ser benéficos e duradouros.

Os autores da *Livraria Clássica*, a cuja reimpressão está procedendo o editor Garnier, estão no número dos que merecem os nossos sufrágios.

Todos sabem com que solicitude e proficiência os Srs. Castilhos se entregam ao estudo da língua materna, matéria em que alcançaram ser juizes competentes.

A *Livraria clássica*, obra que mereceu desde a sua aparição merecidos aplausos, é uma coleção dos melhores fragmentos de autores clássicos. Os Srs. Castilhos procuraram sobretudo reunir aqueles escritos que pudessem mais facilmente insinuar-se no espírito do público.

Era já rara a *Livraria*. E demais uma obra tão importante carecia uma edição melhor que a primitiva. É isso o que vai fazer o Sr. Garnier. Os dois primeiros volumes publicados são os dos *Excertos do padre Manuel Bernardes*.

O padre Bernardes é um dos escritores de mais elevado conceito literário. Nada acrescentaremos ao que dele diz o Sr. A. F. de Castilho no estudo que acompanha os *Excertos*. Demais, ninguém que tenha missão de escrever a língua portuguesa, pode deixar de conhecer o autor da *Floresta* e dos *Exercícios morais*.

A edição feita pelo Sr. Garnier é das melhores que têm saído das oficinas de Paris.

Aguardamos ansiosamente os volumes seguintes.

E com isto concluímos a parte literária da semana.

É coisa verificada: enquanto se esperam acontecimentos de certa espécie, falham todos os outros; a providência e os homens se encarregam de não produzir coisa alguma estranha àquilo que se espera.

Não é decerto um acontecimento novo a declaração da guerra do Paraguai à Confederação Argentina; já se esperava, segundo as últimas notícias. Também não é novidade a maneira por que López fez essa declaração; não se esperava outra coisa.

Que quer o marechalito?

Quer perder-se. Perdido estava ele. Bastavam as forças do império para mandá-lo passear. As armas do Brasil não carecem de dar novas provas do seu valor e do seu poder. Mas, como se lhe não bastara a honra de morrer às mãos dos brasileiros, o mata-mouros conjura contra si todas as forças organizadas da vizinhança.

As palavras do general Mitre: *em três dias nos quartéis, em quinze dias na campanha, em três meses na Assunção*, – se forem seguidas de uma execução imediata, marcam o caminho de todo o governo enérgico e ativo em circunstâncias tão graves.

E lá íamos escorregando. Pinguemos o ponto-final.

M. A.

Referência

Diário do Rio de Janeiro, ano XLV, n. 106, p. 1, col. 1-5, 2 maio 1865. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=094170_02&pasta=ano%20186&pesq=&pagfis=19876>.

ANEXO II

